



Emília Araújo & Eduardo Duque (eds.) (2012)
Os tempos sociais e o mundo contemporâneo. Um debate para as ciências sociais e humanas
Universidade do Minho: Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade / Centro de Investigação em Ciências Sociais
ISBN: 978-989-8600-07-3

Contexto e trajetória de vida-trabalho no Nordeste do Brasil: da infância no comércio à condição empresária na indústria têxtil local

MÁRCIO SÁ

UFPE/Universidade do Minho
marciodesa@gmail.com

Resumo:

Este trabalho insere-se no âmbito de uma investigação que hoje toma como foco empírico pessoas em condição empresária no setor têxtil, numa sub-região específica: o Agreste de Pernambuco, Nordeste do Brasil. Eis o contexto no qual muitas pessoas trabalharam em atividades comerciais de caráter familiar desde bem jovens e depois se encaminharam, de tal modo, que hoje detêm um negócio próprio na indústria local. Neste espaço-tempo peculiar, de fortes traços regionais e de história vinculada ao comércio (em particular às feiras livres de rua), emergiu ao longo das últimas décadas um aglomerado industrial têxtil periférico que vem sendo denominado de Polo de Confecções do Agreste. Inspirado na sociologia bourdieusiana, principalmente em seu trabalho sobre as mudanças nas estruturas temporais e econômicas na Argélia de meados do século passado, aqui se acredita que, ao articular a história de vida de uma dessas pessoas com aspectos contextuais, que também condicionam outras trajetórias de vida-trabalho no mesmo espaço-tempo, avanços investigativos possam ser alcançados em torno de duas questões: Quais traços contextuais podem ser inicialmente destacados na emergência de pessoas de origem popular (e vinculada ao comércio familiar) à condição de empresário(a) na indústria têxtil local? Em tal contexto, quais mudanças e continuidades podem estar relacionadas, ao mesmo tempo a possibilitar e a constrianger, às trajetórias de vida-trabalho de pessoas que hoje se encontram em “condição empresária” na referida região?

Palavras-chave:

Trajетória; contexto; condição empresária; Nordeste; Brasil

“os agentes, apesar de serem produtos da estrutura, criam e recriam a estrutura constantemente e podem, até, sob certas condições estruturais, transformá-la mais ou menos radicalmente.” (Bourdieu, 1996: 161)

Introdução

Este trabalho insere-se no âmbito de uma investigação que hoje toma como foco empírico pessoas em condição empresária no setor têxtil, numa sub-região específica: o Agreste de Pernambuco, Nordeste do Brasil. Eis o contexto no qual muitas pessoas

trabalharam em atividades comerciais de caráter familiar desde bem jovens e, depois, se encaminharam de tal modo, que hoje detêm um negócio próprio na indústria local.

Neste espaço-tempo específico, de fortes traços regionais e de história vinculada ao comércio (em particular, às feiras livres de rua), emergiu ao longo das últimas décadas um aglomerado industrial têxtil periférico que vem sendo denominado de Polo de Confecções do Agreste.

Inspirado na sociologia bourdiesiana, principalmente em seu trabalho sobre as mudanças nas estruturas temporais e econômicas na Argélia de meados do século passado, aqui se acredita que, ao articular a história de vida de uma dessas pessoas com aspectos contextuais, que também condicionam outras trajetórias de vida-trabalho no mesmo espaço-tempo, avanços investigativos possam ser alcançados em torno de duas questões: Quais traços contextuais podem ser inicialmente destacados na emergência de pessoas de origem popular (e vinculada ao comércio familiar) à condição de empresário(a) na indústria têxtil local? Em tal contexto, quais mudanças e continuidades podem estar relacionadas, ao mesmo tempo a possibilitar e a constringer, às trajetórias de vida-trabalho de pessoas que hoje se encontram em “condição empresária” na referida região?

O texto está estruturado do seguinte modo: na próxima seção são apresentados brevemente os antecedentes históricos, geográficos e alguns dados gerais sobre o contexto em questão. Em seguida, é (re)contada a história de uma pessoa que viveu na infância e na adolescência a experiência de atuação no comércio da família e hoje se encontra na condição de empresário no setor de confecções da referida região, então são recuperados e justificados alguns trechos e ideias inspiradoras de um dos trabalhos argelinos coordenados por Pierre Bourdieu. Na seção intitulada “Traços contextuais” são apresentados os aspectos destacados do contexto. Por fim, são feitas algumas considerações sobre o prosseguimento da investigação.

1. Breve apresentação do contexto

A região Nordeste do Brasil é amplamente vista como uma das “menos desenvolvidas” do país. Em linhas gerais, junto com a Região Norte, detêm menores índices de industrialização, menores salários e oferta de empregos, maior número de pessoas com educação básica incompleta, piores índices de qualidade de vida etc. Apresenta historicamente quadros sociais e econômicos locais dos mais problemáticos, em volume e recorrência, quando comparada com as regiões Sudeste e Sul, por exemplo.

Numa das sub-regiões do estado nordestino de Pernambuco vem se constituído nas últimas décadas, a partir de um impulso embrionário local, um quadro singular em termos de crescimento econômico, geração de trabalho e renda.

Apesar da história de desempenho de atividades agropecuárias, mesmo diante de algumas dificuldades geográficas (tipo de solo e vegetação característicos do semiárido) e climáticas (índice pluviométrico baixo e concentrado em curtos períodos do ano), a partir de meados do século passado, atividades artesanais relacionadas com a produção de artigos em couro e de calçados se projetaram, de modo mais evidente, como alternativa àquelas rurais. Concomitantemente, retalhos de tecidos passaram a também ser comercializados nas feiras livres da região. Este comércio específico tomou tal dimensão que a região passou a ser

conhecida pelas suas “Feiras da Sulanca”, inicialmente realizadas nos mesmos espaços nos quais se davam as tradicionais feiras livres. (cf. Lira, 2011: 79-84; Cabral, 2007: 94-98; Sá, 2011: 44; Vêras de Oliveira, 2011: 3-4)

Além do comércio, uma série de estruturas e atividades produtivas têxteis – de cunho familiar e artesanal inicialmente, que em muitos casos até hoje permanecem com forte conotação doméstica (como os “fabricos”), mas que em outros tomaram proporções industriais ao longo dos anos – passaram a existir e foram disseminadas neste contexto.

Situado numa parcela da região pertencente ao estado de Pernambuco, então surgiu o hoje denominado de “Polo de Confecções do Agreste”, que tem como principais cidades Caruaru, a 136 km de Recife (a capital litorânea do estado), Santa Cruz do Capibaribe a 180 km, e Toritama, a 167 km. (Lira, 2011: 79; Dieese, 2010: 9; Vêras de Oliveira, 2011: 1)

Um detalhe pode ser observado nos dados populacionais disponíveis (Tabela 1), o crescimento destas três cidades é, em termos de comparativo percentual, significativamente maior que o do estado, da região e mesmo do país.

Cidade/estado/região	População em 2000	População em 2010	Crescimento %
Caruaru	253.634	306.788	20,95
Santa Cruz	59.048	82.649	39,97
Toritama	21.800	35.554	63,09
Pernambuco	7.918.344	8.541.250	7,86
Nordeste	51.871.449	47.741.711	8,65
Brasil	185.712.713	169.799.170	9,37

Tabela 1: Comparativo do crescimento populacional de Caruaru, Santa Cruz e Toritama com o crescimento da população geral do estado de Pernambuco e do Nordeste (2000-2010)

Elaboração própria: Fonte dos dados IBGE (2010).

Lira (2011: 79) assinala também que “o aglomerado têxtil atinge, além desses, mais de duas dezenas de outros territórios da região”. E Raposo e Gomes (2003: 9), em estudo encomendado pelo SEBRAE, apontam:

“Cálculos intuitivos de conhecedores do fenômeno dão conta de que cerca de 45 mil pessoas por semana comparecem às grandes feiras de confecções populares realizadas nas três cidades ... Nossas próprias estimativas ... indicam a existência de 12 mil unidades produtivas, ou empresas, no Polo. Essas empresas (das quais somente oito por cento são formais) empregam aproximadamente 76 mil pessoas, produzem 57 milhões de peças por mês...”

Para além da dimensão quantitativa, há uma nítida centralidade destas três cidades na dinâmica socioeconômica característica do processo de modernização periférica da região. É justamente numa delas que está ambientada a história (re)contada a seguir.

2. Uma trajetória da infância no comércio à condição empresária

Por volta de 1970, num pequeno povoado interiorano, “Antônio” nasceu para ser o mais novo dentre os seis filhos de uma família de origem popular. Seu pai trabalhava como comerciante e sua mãe, além de tomar conta da casa e dos filhos, era costureira, atendia por encomendas. Seus tios também “ganhavam a vida” no comércio de feira e Antônio cresceu

em meio às atividades económicas da família de tal modo que se diz comerciante desde criança.

Embora seus genitores não tenham completado os estudos primários, seu pai decidiu mudar com a família, daquela pequena localidade para um lugar “mais desenvolvido” e, assim, oferecer aos filhos melhores possibilidades de educação.

Do pai diz ter herdado “a honestidade, a conduta, a vontade de trabalhar”, da mãe “a bondade, ela sempre foi atenciosa e preocupada com os outros, foi uma pessoa de poucas posses, mas o que tinha dividia com os outros”. Declara ter “o caráter dos pais impregnado nele até hoje” e acredita que conseguiu mesclar bem estas heranças em sua personalidade.

Em sua trajetória escolar, frequentou três diferentes escolas públicas. Não teve uma “boa base” nos estudos na pequena escola daquele lugar onde nasceu, mas já na escola da cidade maior, contou com a ajuda de alguns amigos e professores (que admirava pela dedicação apaixonada ao ofício).

No trabalho, começou ainda menino, dividindo-se entre o pequeno comércio do pai e o fabrico de confecções do irmão mais velho. Acredita ter aprendido bastante com eles sobre a prática e lembra que seu pai sempre falava para tomar nota de tudo que entra e que sai no comércio, enfim, fazer a contabilidade básica. Sobre a experiência de ter trabalhado com um dos irmãos, diz: “por eu ser o caçula e o mais velho ter aberto um negócio próprio, aprendi muito com ele ... eu vi a trajetória dele, o observei, ele foi um referencial”.

Nunca teve sua carteira de trabalho assinada, não trabalhou como empregado formalmente contratado para outrem. A experiência de “emprego” que recorda foi durante dois ou três meses, quando jovem, em contrato temporário numa rede de supermercados. Serviu justamente para que constatasse o que não queria para o seu futuro.

António acredita que a vivência nos negócios da família se somou à “vocação natural” que tinha para tal atividade. Além disso, depois que terminou um “curso técnico” de contabilidade equivalente ao antigo segundo grau, foi fazendo cursos específicos. Fez outros que diz terem sido importantes para sua atuação, todos voltados para a gestão de negócios (em finanças/marketing, indicados pelo sindicato de classe local, o SINDVEST-PE, em entidades como o SENAI1 e o SEBRAE, por exemplo).

Foi ainda quando estava no negócio do irmão que conheceu sua esposa – à época, ela lá trabalhava. Foi também a partir desta experiência, de sua imersão na dinâmica local do setor de confecções, que vislumbrou possibilidades de prosperar, alcançar um futuro económico exitoso e, então, decidiu abrir um negócio próprio no ramo.

Passou alguns anos na informalidade e, depois, formalizou a empresa que hoje tem dezenas de funcionários (que ele chama de “colaboradores”, ou mesmo de “amigos com os quais tem metas”). Ainda existem, segundo ele, outras dezenas de pessoas que atuam em etapas terceirizadas do processo produtivo que também têm trabalho e renda atrelados ao seu negócio. António declara serem estas pessoas também administradas por ele.

Quando entrevistado, disse ter uma renda mensal média que variava numa faixa entre 6 e 8 mil reais, que já esteve em momentos bem difíceis, chegou, inclusive, a estar próximo da falência, mas que acredita sempre superar as dificuldades porque traça objetivos para a vida e os persegue com afinco. Em sua visão, para ter sucesso é fundamental a honestidade,

aproximar o discurso da prática e ser obstinado, afinal, o êxito depende do esforço pessoal de cada um.

Hoje morando num bairro no subúrbio da cidade, no qual também está instalada sua empresa, António tem dois filhos, um com 14 outro com 10 anos. Demonstra muito orgulho do desempenho escolar dos filhos. Diz querer “capacitá-los para o mundo” e que, mesmo se optarem por segui-lo na empresa, “primeiro terão de ser capacitados como gestores”.

A esposa e um irmão lá trabalham com ele. Sobre o modo como administra seus negócios, diz ser participativo, procurando “escutar os colaboradores”, e que seu diferencial é a equipe de trabalho (inclusive faz questão de registrar que seus gerentes têm formação universitária).

Orgulha-se de não ter sido acionado na justiça trabalhista por um “colaborador” ao longo de toda a história da empresa, de respeitar a legislação. Reclama da carga tributária que o Estado impõe e da concorrência forte da maioria das empresas informais na região (se coloca como prejudicado diante da diferença entre a condição do informal e a sua atual, formalizado, que paga impostos). Para ele, “o governo poderia reduzir a carga tributária e oferecer apoio técnico, formação, cursos ... se houvesse um apoio tanto financeiro quanto técnico da parte do governo, as pessoas poderiam ir longe”.

António diz-se pechincheiro. Porém, não com o negócio, no qual diz aplicar “todo seu investimento, sua energia, seu capital ... é dele que se tira tudo, então é nele que invisto”. Sempre procurando não perder oportunidades que surgem, já investiu até mesmo a casa própria no negócio, “apostei minha última ficha”, e observa: “enquanto alguns procuravam a estabilidade de morada, eu procurava a estabilidade do meu negócio”.

Acredita que a pessoa hoje precisa ser inquieta, estar se capacitando, buscando crescer. Diz-se um pouco ansioso, emotivo e que gostaria de ter estudado mais, tido mais paciência para elaborar melhor seus projetos, enfim, de ser mais calmo e tranquilo.

António também declara gostar de ler, que costuma fazer leituras de livros (que podem ser enquadrados no gênero da “autoajuda empresarial”) e de revista de grande circulação nacional. Tem gostos regionalistas na alimentação, no lazer (passeio a cavalo com a família e os amigos) e tanta afinidade com o meio rural que diz ser seu sonho de consumo ter uma propriedade no campo. Entre seus sonhos também está o de tornar a empresa maior, “internacional e forte para durar 100, 200 anos...”.

3. Inspirações da sociologia bourdiesiana sobre a Argélia

Além de terem constituído a experiência primeira a partir da qual o próprio Pierre Bourdieu concebeu vasta obra, os trabalhos que coordenou e realizou sobre a Argélia, em particular sobre as mudanças nas estruturas temporais e económicas na sociedade Cabila, são inspiradores à compreensão do encontro de dois “cosmos”, em meados do século passado: o capitalista e o rural-camponês.

Retomar algumas de suas ideias e apontar principais inspirações ao que se quer articular neste trabalho é o que se deseja nesta seção.

“A diferença entre o capitalismo moderno em seu contexto europeu original (autóctone) e o modo como este chega a países situados na periferia do mundo é

ponto de partida importante observado pelo sociólogo francês logo no início de seu trabalho sobre a sociedade campestre argelina” (Sá, 2011: 201), neste caso, “a organização econômica e social não é o resultado de uma evolução autônoma da sociedade que se transforma segundo sua lógica interna, mas de uma mudança [também] exógena e acelerada, imposta pelo poderio imperialista” (Bourdieu, 1979: 13-4).

Diante de tal conjuntura, as pessoas vivem tensões “entre as práticas requisitadas por este mundo, para o qual se projeta, e certos costumes rurais que permanecem nele arraigados e que seriam inerentes ao seu contexto de origem” (Sá, 2011: 203).

Recortes de “Trabalho e trabalhadores na Argélia”

Era entendimento de Bourdieu que um novo sistema de disposições (habitus)¹, requisitado pelo mundo moderno, não seria elaborado no vazio, mas sim constituído a partir das disposições costumeiras que mesmo sobrevivendo ao desaparecimento ou à desagregação de suas bases econômicas tradicionais, nas quais surgiram e se fundavam, não se adaptavam às exigências da nova situação senão por meio de uma “transformação criadora”. Por não se transformarem no mesmo ritmo das estruturas econômicas, disposições e ideologias correspondentes a estruturas econômicas diferentes, ainda atuais ou já caducas, coexistem na sociedade global e por vezes nos mesmos indivíduos. (15-6)

Neste contexto, tanto o modo como as pessoas se relacionam com o tempo quanto as projeções em direção ao futuro são aspectos da adaptação a uma ordem econômica e social, qualquer que ela seja, que supõe um conjunto de conhecimentos transmitidos pela educação difundida ou específica, ciências práticas solidárias a um ethos que permitem agir com razoáveis probabilidades de sucesso. É desta forma que a adaptação a uma organização econômica e social tendendo a assegurar a previsão e o cálculo exige uma disposição determinada em relação ao tempo e, mais precisamente em relação ao futuro, quando é verdade que nada é mais estranho à economia pré-capitalista do que a representação do futuro como campo de possíveis que pertence ao cálculo explorar e dominar. (18-21)

Numa realidade como esta, a tradição cultural estimula e praticamente impõe a solidariedade e o auxílio mútuo por meio das relações pessoais. Afinal acredita-se que quem alcançou sucesso deve servir-se de seu próprio êxito para ajudar aos outros, começando pelos membros da própria família. No setor tradicional, em especial no artesanato e no comércio, antigos procedimentos de recrutamento se perpetuam, especialmente nas pequenas empresas familiares. Além de todos aqueles que herdaram sua loja ou sua oficina, muitos artesãos e comerciantes administram uma empresa cujo proprietário é um parente; outros não puderam instalar-se por conta própria senão graças à ajuda financeira de um parente ou de um amigo. Em resumo, o setor tradicional permite àqueles que não têm bagagem cultural alguma, nem bagagem técnica, contornarem as barreiras que colocariam como obstáculo regras racionais ou semirracionais de seleção. (57-8)

A racionalização da conduta econômica, que é essencialmente marcada pela posse de rendimentos aptos a libertar da preocupação pela subsistência, coincide com uma transformação profunda das disposições: a racionalização da conduta tende a se estender à economia doméstica, lugar das últimas resistências, e as disposições compõem um sistema que se organiza em função de um futuro apreendido e dominado pelo cálculo e pela previsão. (83-4)

Tanto o cálculo econômico se encarna progressivamente na conduta, à medida que a melhoria das condições materiais o permite como o campo dos possíveis

tende a se alargar à medida que a pessoa se ergue na hierarquia social. A emancipação dos jovens é tão mais precoce quanto mais rapidamente eles conseguem um emprego estável e bem remunerado, quanto mais eles são instruídos ou, mais exatamente, quanto maior é a diferença entre o nível dos pais e dos filhos. (74-9)

É também entre os pequenos comerciantes que se encontra a proporção mais forte de propósitos estereotipados e de discursos que obedecem à lógica da quase-sistematização afetiva, além disso, eles nunca observam o sistema como sendo também responsável por sua falta de instrução e de qualificação profissional, isto é, ao mesmo tempo por suas faltas e pelas faltas de seu ser. (88-92)

Na Argélia, assim como na maioria dos países em vias de desenvolvimento, a delimitação mais nítida é a que separa, dos trabalhadores permanentes, manuais ou não manuais, a massa dos desempregados ou dos trabalhadores intermitentes, diaristas, serventes ou pequenos comerciantes, outras tantas condições intercambiáveis, que cabem muitas vezes sucessivamente ao mesmo indivíduo. De fato, a cada uma das condições econômicas e sociais corresponde um sistema de práticas e disposições organizado em torno da relação ao futuro que aí se acha implicado. (95-104)

Mais de cinquenta anos após a realização dessas investigações na Argélia, por que e em que este trabalho seria hoje útil a uma investigação que se volta para outros personagens, noutra espaço-tempo? O que possui de inspirador para o estudo da condição empresária no contexto em questão? Quais suas possibilidades neste sentido?

O trabalho de Bourdieu possibilita uma abordagem crítica inicial ao modo como a modernização capitalista provocou mudanças também noutros contextos para além do seu original (em particular naqueles periféricos que apresentam traços similares ao argelino), bem como ao modo como as pessoas “criam e (re)criam constantemente as estruturas”, e assim se encaminham ao longo de suas vidas no sentido de tal encontro de cosmos.

Por um lado, permite atentar, no âmbito local, para continuidades e mudanças nas práticas sociais, nos modos de pensar, sentir e agir das pessoas ao longo de suas trajetórias de vida-trabalho, no tipo de atividade econômica e no modo como são organizadas. Neste processo, ao mesmo tempo em que ainda se fazem presentes heranças incorporadas das gerações anteriores, bem como daquele cosmos no qual muitos dos que hoje se encontram em condição empresária viveram na infância, as mudanças das últimas décadas vão se impondo ao modo como as pessoas se projetam no espaço-tempo local e assim promovem transformações em tal contexto.

Por outro, observar o capitalismo contemporâneo em seus contornos periféricos, ou seja, na forma que vai tomando em regiões marginais, de modo a impelir as pessoas à busca por soluções de vida-trabalho que precisam se ajustar aos imperativos de mercado – na forma como estes se apresentam neste contexto. Deslocando-se ao máximo em seu sentido, atendendo ao seu “discurso da prosperidade”, modificando aspirações individuais também conforme seus conclames, lidando com tudo isso a partir do “estoque disposicional” (Lahire, 2004) acumulado e que se mantém sujeito a ajustes (mais ou menos, a depender de cada caso, uma vez que envolve também dimensões mais íntimas das pessoas).

Muito embora seja clara a assimetria das forças em termos de estímulo aos rumos vistos como “do futuro”, a visão deste processo como uma dinâmica de interferências

constitutivas, que se amalgamam no local, advém da leitura inspiradora do trabalho de Bourdieu.

4. Traços contextuais

A partir da história anteriormente (re)contada, da experiência de pesquisa que a extrapola (cf. Sá, 2010, 2011, 2012), da inspiração e apropriação das ideias bourdieusianas e de um primeiro contato com uma já significativa literatura produzida sobre a região e o Polo de Confecções do Agreste, aqui se anseia apresentar algumas das principais características que inicialmente recebem a atenção do pesquisador na sua construção do “cenário” – no qual atuam não somente personagens como Antônio, mas também muitos outros, mais ou menos diferentes dele, que também podem ter vivido trajetórias similares de infância no comércio e se encontrarem hoje em condição empresária.

Assim como na agricultura familiar, nas atividades comerciais da região também era prática comum o envolvimento das crianças no trabalho dos adultos. Além de, principalmente no caso de famílias mais volumosas, os filhos mais velhos ajudarem nos cuidados e mesmo na criação dos mais novos, as atividades laborais dos pais eram desde cedo também desempenhadas pelos filhos.

De entre as obrigações domésticas atribuídas às mulheres, principalmente em famílias que podem ser denominadas como populares, estavam os cuidados da casa, dos filhos e a costura, ofício que se aprendia desde cedo, muitas vezes antes mesmo de se frequentar a escola, e que podia servir como complementação da renda familiar (cf. Cabral, 2007).

Embora o tempo de estudo formal fosse restrito para a maioria a apenas alguns anos de escola, manter-se com a família em determinados lugarejos era uma atitude que não somente limitava os horizontes de futuro dos seus membros mais jovens, mas também que implicava, na visão de muitos, em praticamente condenar os filhos a seguir na pobreza – algo agravado pela crença socialmente compartilhada de que um futuro melhor seria quase que somente possível na cidade grande. Foi assim que a migração cresceu historicamente consolidando-se como uma prática recorrente da população da região, quer seja no sentido do eixo Rio-São Paulo, ou então nas últimas décadas, como no caso da família de Antônio, que seguiu para uma das cidades maiores e mais promissoras na própria região.

Nesta, o comércio de feira ofereceu um campo de possibilidades que serviu, e ainda serve, a gerações de imigrantes regionais que se instalam com suas famílias numa cidade como Caruaru. A própria origem deste município está historicamente vinculada ao comércio e trânsito de mercadores que iam e voltavam, trazendo e levando mercadorias, da metrópole Recife para esta e outras regiões interioranas, bem como ao escoamento da sua produção agropecuária. Ao longo dos tempos, a presença de feiras livres foi tão marcante que Caruaru é conhecida nacionalmente por sua feira, a “Feira de Caruaru”, bem como denominada por seus habitantes como a “cidade das feiras”. A história da ocupação humana na região, e mesmo da constituição de suas cidades, vincula-se ao comércio de feira (cf. Ferreira, 2001; Sá, 2011).

Não é à toa que muitas pessoas na cidade repetem com orgulho frases do tipo: “minha vida é a feira”. Muito mais do que o lugar onde se obtém o sustento econômico, a

feira é um espaço de convívio social e de aprendizado cultural e prático, uma extensão da socialização familiar, principalmente no caso de muitos filhos de comerciantes-feirantes que ajudam os pais desde pequenos. É lá na “precariedade” e “informalidade” que se aprende na prática as lições da vida-trabalho, do cálculo econômico, que o destino nos negócios é assimilado como “vocação natural”¹, que se desenvolve a ambição da prosperidade econômica por meio dos negócios, visão de futuro neste sentido e mesmo o “sonho” de vislumbrar-se num futuro “melhor” (ou então projetar os filhos no sentido deste).

Além das diversas possibilidades de comércio num meio urbano que recebe demandas de consumo contínuas dos moradores das cidades menores circunvizinhas, a expansão do setor têxtil na região estimulou ainda mais a migração local.

Nas últimas décadas, tal indústria “invadiu o campo”, fez surgir fabriquetas de fundo de quintal (os denominados “fabricos” e “f ações”) – nas quais os processos produtivos são executados por trabalhadores, muitas vezes familiares ou pessoas próximas do círculo familiar, que recebem por produção – também nas cidades menores circunvizinhas e em alguns casos se transformaram em fábricas formalmente constituídas (como a de “Antônio”). A economia e a dinâmica social da região estão hoje vinculadas a estas estruturas produtivas e, conseqüentemente, ao comércio dos seus produtos, por meio de feiras fixas e/ou itinerantes de periodicidade semanal, ou mesmo da exportação direta para outras regiões do país e mundo.

“Entre 1970 e 1980, ocorreu um crescimento de migrantes para Santa Cruz do Capibaribe, na ordem de 40%. Em 1970, 33,85% de sua população constituía-se de migrantes, e, em 1980, aproximadamente, 30%. Do total dos migrantes de 1970, aproximadamente 84% vinham de municípios de Pernambuco e 15%, de outros estados (XAVIER, 2006)” (Cabral, 2007: 101-102).

Raposo e Gomes (2003), em pesquisa encomendada pelo SEBRAE, também relacionam os movimentos migratórios internos na sub-região ao crescimento das possibilidades e atividades relacionadas à produção de confecções e indicam uma idade média de 36 anos para os empresários atuantes nas três principais cidades. Ou seja, é pertinente conjecturar que nesses movimentos também segue um tanto do jeito de ser e de viver das gerações anteriores, seus traços de personalidade “impregnados” nos mais jovens, incorporadas pelos filhos em suas práticas quotidianas. No entanto, ao se confrontarem com a tessitura socioeconômica em expansão na região, as pessoas também são provocadas a mudanças no modo como se comportam e encaram o trabalho, no autocontrole que precisam ter para obedecer a comandos de uma autoridade (o chefe) externa à família, na disciplina que precisam incorporar para ocupar um posto de trabalho e/ou enfrentar a competição do mercado, nas habilidades que precisam desenvolver para a gestão dos negócios em expansão, na reprodução de linguagem e termos (“colaboradores”) decorrentes dos discursos empresariais hegemônicos, na assimilação dos sonhos do “gigantismo” (de dar a maior dimensão possível à empresa), da projeção internacional etc. Por outro lado, nas últimas décadas o capitalismo desloca cada vez mais seu centro propulsor das fábricas para as bolsas de valores internacionais (Boltanski e Chiapello, 2009), é de se esperar que mudanças ocorram na estrutura das sociedades quer centrais quer periféricas que se

encontram embebidas neste sistema-mundo. Obviamente, isso não seria diferente no Agreste pernambucano. Esta é uma dentre tantas regiões que vêm apresentando, também nas últimas décadas, mudanças no modo como seus habitantes vivem e trabalham. A configuração do eixo de produção e venda têxtil do Agreste e o consequente envolvimento de diversos outros municípios circunvizinhos na produção e venda regional de confecções tem se apresentado como um fenômeno que hoje também pode ser visto como reflexo desta “nova ordem mundial” – que desloca para a periferia do sistema um aparato produtivo que anteriormente lhe era central, urbano (Sá, 2011: 170).

Na sua periferia, desde a segunda metade do século passado, surgem aglomerados que apresentam características específicas, tais como: informalidade; estruturas produtivas domésticas; terceirização de etapas da produção; formas alternativas de (sub)contratação de trabalho; difusão de “casos de sucesso” e da “ideologia da prosperidade” entre muitos daqueles que estão em luta pela sobrevivência (e não apresentam os requisitos para um ingresso em boas condições no mercado formal); reprodução mimética do discurso da gestão de negócios hegemônico etc.

Esta dimensão capitalista e periférica também precisa ser considerada. É o que pode ser observado dentre as hipóteses que Vêras de Oliveira (2011: 10-25) desenvolve para interpretar a dinâmica configuradora do Polo. São elas: “A constituição original do Polo se fez como um processo ‘autônomo’”; “As atividades do Polo, apesar das mudanças recentes, mantêm-se com caráter predominantemente familiar, domiciliar e informal e o trabalho, precário”; “O desenvolvimento do Polo reconfigurou a dinâmica urbano-rural na região”; “O Polo se constituiu como um aglomerado produtivo e comercial”; “O Polo se estabelece sob uma crescente imbricação com a dinâmica capitalista”.

Analisando o caso específico de Toritama, Lima e Soares (2002: 177-8) listam algumas características que comporiam o quadro do trabalho informal na região e, em seguida, concluem que:

“a flexibilização afetou a produção local de duas formas: pela crise de competitividade com a introdução do produto importado [em particular o de origem chinesa] e pela maior procura por cadeias de lojas nacionais atraídas pelos preços baixos. Nesses dois casos, o resultado tem sido tendencialmente oposto à maior informalização, pois exige a legalização da empresa para maior acesso ao mercado. Entretanto permanece a produção familiar como cerne da produção local, através dos fabricos, ficando a questão a se verificar até quando a produção local terá fôlego para permanecer competindo, ao menos regionalmente” (Lima e Soares, 2002: 178).

Além desses aspectos até aqui destacados, ao longo do processo de constituição do Polo, foi possível observar o surgimento, o fortalecimento e a atuação mais decisiva de instituições como sindicatos, associações, agências fomentadoras, entidades de formação técnica e de apoio aos pequenos e médios empresários na região. São diversos os atores que surgem e/ou passam a ter atuação mais efetiva no contexto (cf. Andrade, 2008: 111-152).

Neste mesmo íterim, a atuação do Estado na região é marcada por ausências, falhas e envolvimento mais recente. Políticas públicas educacionais e voltadas para a geração de emprego e renda historicamente estiveram longe de ser suficientes para a população da

região. Em seus três níveis, federal, estadual e municipal, o Estado fez “vistas grossas” para a produção doméstica informal e se limitou à cobrança de impostos do uso do espaço público nos dias das feiras e a outras cobranças afins (na região, ouvir os empresários que se formalizaram reclamar da carga tributária que lhes é imposta é uma constante). Com o crescimento do Polo, o Estado parece hoje apoiar iniciativas de fortalecimento do “empreendedorismo” na região e da formalização dos negócios (obviamente atrelando a isso o crescimento da sua arrecadação de impostos), bem como mover-se no sentido da capacitação de mão de obra qualificada com fins de dar seguimento ao crescimento do Polo, bem como da realização de obras de infraestrutura (como rodovias), mesmo que tardiamente.

A partir do que foi exposto ao longo desta seção, eis um esforço de síntese dos traços contextuais acima destacados:

- A família interiorana entre heranças e mudanças: se, por um lado, as “heranças disposicionais” da típica família popular (baixa renda) interiorana são ao menos parcialmente transmitidas de uma geração para outra, por outro, a migração intrarregional empreendida em busca de um futuro melhor para a família, articulada com as trajetórias de vida-trabalho que esta mudança possibilita e constrange, tende a promover mudanças no jeito de ser, no “complexo disposicional” (Lahire, 2004) das pessoas que viveram e cresceram em meio a este processo. Tomando como exemplo o caso de Antônio, por mais que acredite ter o caráter dos pais “impregnado”, ele vê, vive e pensa hoje num contexto e de um modo um tanto distinto dos seus genitores, principalmente quando também observada sua ascensão socioeconômica e sua condição empresária específica;
- O comércio (em particular o de feira) como espaço de socialização e aprendizagem para os negócios: se, por um lado, o comércio de feira é visto por muitos como uma “escola da vida” na qual se aprende na prática a fazer cálculos econômicos, a fluir neste campo e vislumbrar futuro nos negócios que são tomados “naturalmente” como “vocação”, por outro, é dele que muitas pessoas se projetam para um outro, quer seja por meio de um “estágio” num fabrico de algum membro da família ou mesmo de um amigo próximo e daí decorrem duas recorrentes possibilidades: a continuidade na condição de trabalhador (sub)contratado ou a estruturação de unidade produtiva própria, ambas no emergente setor têxtil local;
- O capitalismo periférico contemporâneo com contornos locais: a nova distribuição populacional (cf. Tabela 1) na região pode ser vista como um reflexo direto das possibilidades que se encontram nas cidades que constituem o Polo de Confecções, se antes o sentido do fluxo migratório era principalmente os grandes centros urbanos do eixo Rio-São Paulo, para o trabalho na indústria de larga escala das metrópoles, neste novo milênio, a capacidade de ampliação da abrangência, deslocamento e adaptação do sistema capitalista se mostra cada vez mais presente também em termos regionais e locais, no entanto, toma contornos peculiares em suas margens, em particular ao se encontrar com iniciativas alternativas

autogeradas, como o foi no início da constituição dos negócios têxteis que deram origem ao hoje Polo;

- As ausências e falhas históricas do Estado, os sinais de sua recente atuação e a emergência de atores institucionais: se, historicamente, o Estado se mostrou um tanto ausente e mesmo desinteressado pelo fenómeno ao longo da sua configuração, a atuação de sindicatos, associações, entidades fomentadoras etc., tem impacto crescente na região. Mesmo o próprio Estado, nos últimos anos, vem empreendendo iniciativas que ora vão ao encontro dos interesses dos protagonistas da região (no caso da abertura de Universidades, Centros de formação técnica, obras de infraestrutura etc.), ora ao contrário (no caso da tributação e cobrança de impostos julgada excessiva por empresários formalizados).

5. Ponderações e questões para o prosseguimento da investigação

No prosseguimento da investigação pretende-se revisar e aprofundar os traços contextuais acima esboçados, submetendo-os ao confronto com bibliografia temática (já hoje em ampliação), bem como com informações empíricas a serem recolhidas, no sentido de uma construção mais rigorosa do cenário que possibilita e constringe a condição empresária em questão.

De qualquer forma, a partir dos movimentos empreendidos até agora é possível propor algumas assunções genéricas: i) tanto as trajetórias de vida-trabalho (como a de António) como a emergência de uma configuração contextual específica (como o Polo de Confecções do Agreste) materializam o encontro de uma realidade socio-histórica particular com o capitalismo contemporâneo de carácter periférico. Daí decorrem transformações no espaço-tempo que podem ser observadas ao longo destas últimas décadas no âmbito local, desde o modo como as pessoas se relacionam com o tempo, na aceleração “ansiosa” como disposição que as move no sentido de reduzir a distância entre a condição socioeconômica atual e aquela a qual se quer chegar, até mesmo no plano concreto do espaço urbano em mutação, do deslocamento das feiras livres de rua que tomavam os centros das cidades para centros de compras como o “Moda Center” de Santa Cruz do Capibaribe (cf. Xavier e Sarabia, 2008).

Na contemporaneidade desta região, ao se modificar, a mesma parece continuar a se mostrar como “meio do caminho” entre espaços-tempos extremos: a metrópole-acelerada (a capital) e o lugarejo-parado (a cidade pequena do interior). E, ao mesmo tempo, um “caminho do meio” entre a atividade econômica com tecnologia “de ponta” e a atividade de subsistência quase estagnada.

Se, por um lado, a história de António não deixar de ser um exemplo, dentre tantos outros possíveis, de quem também está protagonizando a dinâmica contemporânea do local, por outro, não se pensa nem se quer torná-la recurso para o fortalecimento da “ideologia do sucesso de mercado”, de que “qualquer um”, se trabalhar muito, pode vir a se tornar um self made man”.

Enfrentar o estudo da condição empresária numa região como o Agreste, por meio de uma perspectiva sociológica que é radicalmente crítica, ou seja, que procura ir além da já

“acrítica crítica” da “perversidade da lógica de mercado” ou mesmo da “exploração das pessoas pelo sistema” e que tenta explorar suas nuances mais íntimas nas pessoas em tal condição, de modo articulado com uma leitura rigorosa e apropriada do contexto, pode ser um caminho para a construção de uma interpretação socialmente útil sobre e para os protagonistas e, de modo geral, para a sociedade local. Este trabalho não deixa de ser visto por seu autor como um movimento neste sentido.

Neste âmbito, algumas questões são lançadas:

- Qual seria a condição de pessoas de origem popular que chegaram a abrir um negócio próprio na região, mas que não tiveram êxito e fecharam-no? O que muda em suas aspirações diante de tal situação?
- Uma vez que hoje se estima que cerca de 75% das empresas do setor na região são informais, quão é específica a condição empresária “informal”? Em que esta difere e/ou se aproxima da formalizada? O que leva uma pessoa a permanecer na primeira ou mudar para a segunda?
- Quais especificidades e similaridades podem ser observadas quando tal contexto e as trajetórias (que nele se dão) são comparados com outros casos também periféricos (cf. Noronha e Turchi, 2007)?
- No âmbito desta investigação, é possível elaborar histórias de vida de pessoas (em condição empresária) situadas em distintas posições no campo (Bourdieu, 2007), porém tendo a família popular (baixa renda) e a infância no comércio (em particular o de feira) como origem comum?

Referências

- Andrade, Tabira de S. (2008). *A estrutura institucional do APL de confecções do agreste pernambucano e seus reflexos sobre a cooperação e a inovação: o caso do município de Toritama João Pessoa*, Dissertação de Mestrado em Economia. UFPB.
- Boltanski, Luc; Chiapello, Éve (2009 [1999]). *O Novo Espírito do Capitalismo*. São Paulo: Martins Fontes.
- Bourdieu, Pierre (1979 [1963]). *O desencantamento do mundo: estruturas econômicas e estruturas temporais*. São Paulo: Perspectiva. [edição brasileira de Travail et travailleurs en Algérie, publicado originalmente em França]
- Bourdieu, Pierre (1996). *Razões práticas: sobre a teoria da ação*. Campinas: Papirus.
- Bourdieu, Pierre (2007 [1979]). *A Distinção: crítica social do julgamento*. São Paulo: Edusp; Porto Alegre: Editora Zouk.
- Bourdieu, Pierre (2005). *Esboço de auto-análise*. São Paulo: Cia das letras.
- Bourdieu, Pierre (2008). *Esquisses algériennes*. Paris: Seuil.
- Cabral, Romilson M. (2007). *Relações possíveis entre empreendedorismo, arranjos organizacionais e institucionais: estudo de casos múltiplos no Pólo de Confecções do Agreste Pernambucano*. Tese de Doutorado em Administração. Salvador: UFBA.
- DIEESE (2010) *Diagnóstico do setor têxtil e de confecções de Caruaru e Região*. Relatório de Pesquisa. Recife. Disponível em:

- <http://www.dieese.org.br/projetos/governoPE/diagnosticoFinalCaruaru.pdf>
(acessado em 06/2012)
- Ferreira, Josué E. (2001). *Ocupação humana do agreste pernambucano: uma abordagem antropológica para a história de Caruaru*. João Pessoa: Edições FAFICA/Ideia.
- IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) (2010) *Censo*. Disponível em: http://www.censo2010.ibge.gov.br/dados_divulgados/index.php?uf=26 (acessado em 04/2012).
- Lahire, Bernard (2004). *Retratos Sociológicos: disposições e variações individuais*. Porto Alegre: Artmed.
- Lahire, Bernard (2006). *A cultura dos indivíduos*. Porto Alegre: Artmed.
- Lima, Jacob & Soares, Maria (2002). Trabalho flexível e o novo informal. *Caderno CRH*, 37, 163-180, jul./dez. Salvador.
- Lira, Sônia (2011). *Muito além da feira da sulanca*. Recife: Editora da UFPE.
- Noronha, Eduardo & Turchi, Lenita (2007). O pulo do gato da pequena indústria precária. *Tempo Social*, Revista de Sociologia da USP, v. 19, 1, 249-280.
- Raposo, M.; Gomes, G. (2003). *Estudo de caracterização econômica do Polo de Confeccões do Agreste de Pernambuco*. Recife: FADE/UFPE/SEBRAE.
- Sá, Marcio (2010). *O homem de negócios contemporâneo*. Recife: Editora da UFPE.
- Sá, Marcio (2011). *Feirantes: Quem são e como administram seus negócios*. Recife: Editora da UFPE.
- Sá, Marcio (2012). O Homem de negócios contemporâneo: três socializações? Anais do Colóquio Internacional *A crise da(s) Socialização(ões)?/“La Crise de(s)Socialisation(s)?*, 170-179. Braga: Instituto de Educação da Universidade do Minho.
- Weber, Max. (2006). *A gênese do capitalismo moderno*. São Paulo: Ática (Coleção Ensaio Comentados).
- Véras de Oliveira, Roberto (2011). O polo de confeccões do agreste de Pernambuco: ensaiando uma perspectiva de abordagem. *35º Encontro Anual da ANPOCS, Caxambu. Anais do 35º Encontro Anual da Anpocs*. São Paulo: Anpocs.
- Xavier, Maria; Sarabia, Mônica (2008). A nova paisagem urbana de Santa Cruz do Capibaribe. *Scientia Una*, 9,25-44.